

ENTREVISTA

DILTON CÂNDIDO SANTOS MAYNARD (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE)

Espacialidades: Primeiramente, gostaríamos de agradecer a disponibilidade do senhor em nos conceder essa entrevista e pedir para que o senhor falasse um pouco sobre sua trajetória acadêmica e como surgiu o interesse de trabalhar com temas sobre a História do Tempo Presente e ciberespaço.

Prof. Dr. Dilton Cândido Santos Maynard:

Eu sou licenciado em História e Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Sergipe. Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco e Pós-Doutor pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Desde 2008, sou professor da Universidade Federal de Sergipe, na qual ministro aulas de História Moderna e História Contemporânea. Na UFRJ, sou professor colaborador do Programa de História Comparada, orientando trabalhos que envolvem temáticas como extremismos políticos, ciberespaço e Segunda Guerra Mundial. Atualmente, estou como Pró-Reitor de Graduação, numa experiência bastante enriquecedora de gestão.

Bem, o meu interesse pelo Tempo Presente surgiu ainda nas leituras que fiz de um livro que marcou a minha trajetória: **“A Apologia da História”**, de Marc Bloch. A coragem do historiador francês e a sua paixão pelas coisas à sua volta me mostravam a importância de pensar o tempo presente. Como atuei certo tempo como professor de Sociologia em instituições privadas (antes de ir para a UFS), reflexões sobre os usos da internet passaram a ser cada vez mais frequentes nas minhas aulas. Juntar a História era comum, necessário mesmo, para **que** aqueles fenômenos fossem estudados. Depois, quando fiz o meu concurso para professor de História Contemporânea da UFS, apresentei o

projeto “**Intolerância.com: uma história do neofascismo na Internet(1996-2008)**”, numa abordagem típica do Tempo Presente. Lembro que ouvi de um dos integrantes da banca – numa arguição que ajudou muito a melhorar a proposta inicial – o seguinte comentário: “Professor, isto aí que o senhor propõe é estudar meia dúzia de gatos pingados”. E eu respondi: “No começo dos anos 1920, Adolf Hitler era um dos primeiros integrantes de um então inexpressivo Partido Nazista. Veja no que deu”. Depois do que assistimos no Brasil, nos EUA e na Europa, acho que é inegável a pertinência daquela proposta inicial. Já naquela época, eu estava bastante influenciado pelas pesquisas e propostas de **Francisco Carlos Teixeira da Silva**, pesquisador que abriu as clareiras para os estudos do Tempo Presente no Brasil, criando na UFRJ o Laboratório do Tempo Presente. Decidi que, se fosse aprovado, iniciaria algo semelhante na UFS. E foi assim que criei o Grupo de Estudos do Tempo Presente, o GET. Desde então, tenho realizado parcerias com pesquisadores de várias instituições e os trabalhos envolvendo o tempo presente apresentam um crescimento expressivo, bem como o interesse de historiadores pelas coisas do ciberespaço. Acho que, ao ter investido em pesquisas com este enfoque há mais de 10 anos atrás, de alguma, forma colaborei para o campo e isso é algo que me dá um sentimento de satisfação muito grande.

Espacialidades: Gostaríamos que o senhor falasse um pouco sobre seus novos projetos envolvendo o GET - Grupo de Estudos do Tempo Presente, e principalmente sobre o projeto "Pearl Harbor brasileiro": O cotidiano em Sergipe na Segunda Guerra (1942-1945)".

Prof. Dr. Dilton Cândido Santos Maynard:

"Pearl Harbor brasileiro": O cotidiano em Sergipe na Segunda Guerra (1942-1945)" é o meu projeto de bolsa produtividade, tendo sido contemplado também com o Edital Universal. É um projeto amplo, voltado a cobrir diferentes aspectos em torno dos ataques sofridos pelos navios mercantes

brasileiros resultantes da ação do submarino alemão U-507 na Segunda Guerra Mundial. Poucas cidades no Continente Americano foram tocadas pela Guerra como Aracaju. Quantas delas vivenciaram, de fato, um ataque ou os frutos de um ataque? O que Aracaju viveu, o que ocorreu aqui em Sergipe e na Bahia em agosto de 1942, resultou em ato de guerra do Brasil contra o Eixo. Na parte continental da América, talvez este tenha sido o único caso. Centenas de mortos e feridos, 5 embarcações afundadas e um submarino nazista perseguido até ser posto fora de combate. No meu projeto, resolvi buscar analisar menos o acontecimento em si e valorizar os desdobramentos na vida cotidiana. A pesquisa pretende cobrir amplo espectro de coisas e envolve a formação de alunos nos três níveis: graduação, mestrado e doutorado.

Espacialidades: Em sua tese de doutorado “O senhor da pedra: os usos da memória de Delmiro Gouveia (1940-1980)”, é feita uma análise sobre as representações de Delmiro Gouveia. Sendo assim, quais as representações que foram perpetuadas sobre Gouveia e como sua memória é reinterpretada por diferentes escritores?

Prof. Dr. Dilton Cândido Santos Maynard:

Delmiro Gouveia continua como um modernizador. Para mim, essa ainda é a representação mais forte. Na tese, que depois virou livro publicado pela Editora do Senado Federal, analiso diferentes leituras de Delmiro, todas elas amarradas a uma interpretação trágica da trajetória do Nordeste, sobretudo do Sertão. Ele foi visto por Mário de Andrade como “Antônio Conselheiro do Trabalho”, chamou a atenção de Graciliano Ramos e Oliveira Lima. Em todos os casos, o forte traço autoritário era justificado pela necessidade de mudar as coisas. Mudar a paisagem, mudar a tecnologia, mudar os hábitos, mudar as pessoas. As memórias da violência cotidiana imposto por Delmiro foram soterradas por seu mito. Depois, a partir das impressões iniciais, se perpetuou uma leitura mais simples e utilitária dele, observada por **Telma Correia de Barros** em sua obra. O que percebo nos escritores que resolveram narrar a vida daquele cearense é uma repetição que alimenta ainda mais o seu mito. As

suas biografias praticamente não ousam sair da linha interpretativa já proposta, mesmo com a possibilidade de nova documentação. Ao contrário, Gouveia responde por várias coisas: ele é o avatar da civilização, o arquiteto a melhorar corpos dos camponeses incultos e suas práticas, inspira o processo de aproveitamento das águas do S. Francisco – aparece na voz de Luiz Gonzaga na canção “Paulo Afonso”, de 1955: “Delmiro deu a ideia/Apolônio Aproveitô/Getúlio fez o decreto/E Dutra realizou”. Entre os seus estudiosos, a maioria absoluta ainda é de diletantes. Mas considero o trabalho de **Edvaldo Nascimento**, fruto da sua dissertação de Mestrado em Educação na UFAL, um texto que destoa das interpretações e coloca problemas antes não apresentados. Aliás, o professor Nascimento tem feito um trabalho elogiável publicando fontes sobre a história de Delmiro e do Sertão.

Espacialidades: Uma das casas de morada de Delmiro Gouveia foi escolhida para ser a sede do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais por Gilberto Freyre. A respeito disso, é possível dizer que o espaço foi ressignificado com o intuito de perpetuar a memória de Delmiro Gouveia?

Prof. Dr. Dilton Cândido Santos Maynard:

Acredito que a presença de Gilberto Freyre como um dos articuladores do projeto em torno da FUNDAJ ajuda a explicar. A famosa casa de Delmiro no Recife ficava próxima da residência do próprio Freyre, na mesma via, no bairro de Apipucos. Penso que retomar o espaço que marcou a capital pernambucana no fim dos oitocentos pelas sobras de artes, personalidades que recebeu e sarasus que comportou, se encaixa na perspectiva de Freyre para construir uma memória sentimental do Recife e dos tempos do açúcar.

Espacialidades: Gouveia ficou conhecido como um dos “modernizadores dos sertões”, sendo, inclusive, homenageado quando houve a nomeação da cidade de Delmiro Gouveia, no sertão alagoano. Como o senhor percebe a figura de Delmiro

aparece nos debates sobre a modernização do nordeste brasileiro, sobretudo do sertão?

Prof. Dr. Dilton Cândido Santos Maynard:

É impressionante a quantidade de vezes e lugares em que Delmiro é evocado, reverenciado até. É uma personalidade que consegue ser alvo de apologia entre comunistas e militares em pleno período de ditadura civil-militar no Brasil. Há elogios a Delmiro na obra de comunistas como **Otávio Brandão**, mas também é possível encontrar homenagens a ele em instituições como o SEBRAE. Sobre ele, foram produzidas mais de uma dezena de biografias, pelo menos dois filmes, uma peça de teatro, cordéis, um samba-enredo, além de uma farta iconografia. Aliás, o dia do empresário brasileiro é justamente a data de aniversário de Gouveia.

Espacialidades: O senhor trabalhou, mais recentemente, com diferentes questões que envolvem o ciberespaço. Analisando as últimas eleições, podemos perceber que o ciberespaço foi um local de amplo debate e confronto, tanto entre candidatos como seus eleitores. Visto isso, qual paralelo pode ser feito entre o ciberespaço e as (novas) relações políticas, tanto no âmbito nacional quanto internacional?

Prof. Dr. Dilton Cândido Santos Maynard:

O ciberespaço cumpriu papel central nas últimas eleições. Podemos falar do Brasil, em 2018, dos EUA, em 2016. Nos dois casos, o espanto foi geral. São sociedades altamente conectadas, nada perto da intensidade de uma Estônia, é verdade – lá até a eleição é feita on-line. Ao mesmo tempo, é importante não depositarmos toda a culpa ou méritos dos processos eleitorais no ciberespaço. Casos como o da **Primavera Árabe**, em 2011, precisam ser melhor dimensionados. O simples fato de ser um sucesso na rede não implica em sucesso eleitoral. Acredito que pesquisadores como **Evgeny Morozov** têm razão ao exigir uma reflexão mais apurada sobre os desdobramentos da Internet e das ilusões criadas sobre o seu uso. E o sucesso de um movimento na Internet, necessariamente, não implica em compromisso com valores

democráticos. A diversidade de pautas, a variedade de perspectivas, aparecem em ações de grupos como os **Black-Blocs** ou **Anonymous**, por exemplo. Reduzir esses personagens a meros usuários das redes sociais é um erro.

No entanto, no que concerne às recentes eleições presidenciais no Brasil e nos EUA, ao mesmo tempo em que percebemos um uso intenso das redes sociais, também chamou a atenção o desconhecimento de recursos que elas oferecem. A explosão das fake news é o sinal mais evidente. O fato de termos cada vez mais “analistas” políticos no **Facebook** e no **Youtube** e, ao mesmo tempo, assistirmos a ataques cotidianos destas mesmas pessoas aos cursos das Humanidades que, em tese, formariam esses mesmos analistas evidencia a contradição que hoje experimentamos. O Youtube deu voz a analistas políticos que desprezam o estudo da política, desqualificam a própria política, elevou a pretensos especialistas em relações exteriores pessoas que nunca abriram um livro de relações internacionais, transformou em celebridades historiadores que não citam as suas fontes e desqualificam desde o princípio o todos os trabalhos que não convergem para aquilo que lhes causa satisfação. Historiadores que, desde o começo, se apegam a um positivismo tacanho e fogem da crítica histórica aos gritos. Umberto Eco observou esse fenômeno muito bem.

Espacialidades: No tocante à questão da metodologia da pesquisa do senhor sobre o tempo presente, ao estudar a extrema direita na América do Sul através de fontes disponíveis no Orkut, antiga rede social. Gostaríamos que o senhor falasse sobre o processo metodológico que envolve o uso dessas fontes oriundas da Internet e o desafio do historiador em trabalhar com elas, tendo em vista serem tão instáveis.

Prof. Dr. Dilton Cândido Santos Maynard:

Confesso que uma das pessoas que mais me provocou a pensar sobre o problema da metodologia para fontes eletrônicas foi **Margarida Oliveira**, da UFRN, que sempre que pôde colocou o problema para mim e pediu que eu discutisse isso com ela e seus alunos ou em eventos que ela organizou. A

necessidade de transformar em texto o que eu fazia em termos de procedimentos ajudou, e muito, a encorpar as minhas próprias reflexões. Quando comecei com alguns alunos a estudar ambientes como o Orkut, ainda em 2008, as dificuldades eram grandes, até mesmo do ponto de vista jurídico. A Internet é um lugar ou um meio de comunicação? A depender da resposta, a lei tem encaminhamentos distintos. A necessidade nos fez entender que era preciso criar uma metodologia própria, construir protocolos de coleta próprios. O nosso se chamou **Códex** – um ambiente eletrônico no qual inseríamos informações sobre os sites que estudávamos. Aquilo foi importante para desmistificar a ideia de que não era viável pesquisar o mundo telemático. De minha parte, penso que para o historiador que lida com fontes eletrônicas, o desafio é grande, mas não intransponível. Num primeiro momento, o fato de lidarmos com fontes “instáveis” gera um grande problema. Mas, talvez, o problema seja superdimensionado. Talvez tenhamos esquecido um detalhe: nunca houve nenhum trabalho, nenhum historiador, que tenha usado tudo o que restou sobre o tempo que ele estudou. Alguém pode até reunir tudo o que restou de uma civilização, comunidade ou personalidade. Um pesquisador pode dizer: “Veja, reuni aqui tudo o que restou sobre **esse** evento político: jornais, revistas, diários, cartas, registros fonográficos e filmes. Nada fugiu do meu alcance”. Ele pode até estar certo, mas o que foi recolhido é tão somente aquilo que sobrou de um tempo, de um momento. Não é tudo. Porque a reconstrução do passado, tal e qual, é impossível. Pois bem: então, por quais razões, cobramos isso quando se tratam de fontes eletrônicas? O que o historiador encontrará ao pesquisar sobre o Orkut, sobre uma página de um grupo político ou acerca dos usos que determinadas pessoas fazem da/na Internet é também tão somente aquilo que sobrou de um tempo, de um momento. Assim, considero que os procedimentos clássicos de crítica histórica devem permanecer de pé, precisam continuar a ser seriamente observados. No entanto, precisamos entender que, assim como o filme, a imagem iconográfica ou a literatura, a Internet possui particularidades que exigem preparo e reflexão para serem utilizadas. Uma constatação é a de que

termos uma aproximação com colegas da computação é algo positivo, pois podemos aprender com eles mecanismos de coleta e classificação de documentos. A emergência das chamadas **Digital Humanities** põe em evidência a importância do diálogo entre os mais diferentes campos do saber. E o que encontramos já no primeiro número dos **“Annales”** lançados por M. Bloch e L. Febvre? Não foi justamente este canto interdisciplinar? Em minhas pesquisas, tenho contado com apoio de gente que entende de sistemas, colegas da sociologia, da antropologia e até da matemática. O importante para a minha pesquisa é o que sairá como seu produto final: será um trabalho de interpretação histórica produzido com atento rigor na análise da documentação selecionada.